

## “Das minas de ouro e das montanhas gerais”: a representação do Terra de Minas sobre a identidade mineira

Janaina de Oliveira Campos<sup>1</sup>  
Rennan Lanna Martins Mafra<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho trata da representação da identidade mineira no âmbito do programa Terra de Minas, da Rede Globo. Como arcabouço teórico, lança mão de teorias da representação social para compreender as interrelações entre mineiridade e meio rural. Como escopo metodológico, utiliza a análise de conteúdo para identificar, em algumas edições do programa, traços característicos da mineiridade que remetam ao rural. Os principais resultados da pesquisa apontam que o programa cumpre papel de representar o sujeito mineiro que foi construído com referência à ruralidade, acrescida, todavia, de combinações com outros aspectos da contemporaneidade, ligados à culinária, à natureza, à história e a uma impressão idealizada do *ser mineiro*.

**Palavras-chave:** representação; identidade; mídia; mineiridade.

**Abstract:** This work deals with the representation of the Minas Gerais identity within the scope of the Terra de Minas program, Rede Globo. As a theoretical framework, it uses social representation theories to understand the interrelations between mining and rural areas. As a methodological scope, it uses content analysis to identify, in some editions of the program, characteristics characteristic of mining that refer to the rural. The main results of the research point out that the program fulfills the role of representing the Minas Gerais subject that was constructed with reference to rurality, added, nevertheless, of combinations with other aspects of contemporaneity, related to cooking, nature, history and an idealized impression of being a miner.

**Keywords:** representation ;identity; media; mineiridade.

---

1 Mestre em Extensão Rural e graduada em Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa. E-mail: <janainaoc18@gmail.com>.

2 Professor no Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Educação, na UFV. É doutor e mestre em Comunicação Social pela UFMG. E-mail: <rennan.mafra@ufv.br>.

A televisão ainda é o meio de comunicação mais presente na casa dos brasileiros, estando em cerca de 97% dos lares do país [1]. Graças ao seu alcance, este meio possibilita a disseminação de representações sociais das mais diferentes naturezas, em atrações ficcionais e não-ficcionais. Assim, é objetivo deste artigo observar de que modo ocorre a construção destas representações do sujeito mineiro a partir de uma experiência e identidade rurais. Para isso, analisamos o programa Terra de Minas, da Globo Minas, que vai ao ar aos sábados, levando ao público reportagens especiais, entrevistas, passeios e dicas de receitas tradicionais do estado.

Para compreender o modo pelo qual surgem as representações, recorre-se a Denise Jodelet (2001) e Verdara Quintero (2008) nos conceitos de imaginário de Pesavento (1995), além de uma abordagem comunicacional das representações baseada em Morigi (2004). Serão abordados também conceitos de identidade a partir dos estudos de Kathryn Woodward (2000) e Canclini (1999), passando também pela abordagem da relação com as experiências adquiridas concebida pelo filósofo Jonh Dewey (1980). Para relacionar as teorias da representação ao estudo de mineiridade, recorre-se a estudos comunicacionais de Vera França (1998), Iluska Coutinho (2011) e estudos recentes que relacionam a mídia e a construção da identidade mineira como Arantes; Musse (2012), Morais (2004), Pernisa (2011), Pereira (2012).

## **Referencial teórico**

### **Representações sociais: breve conceituação**

Falar em representações sociais implica em considerá-las enquanto emergentes na dimensão simbólica da vida social. Segundo Jodelet (2001), criamos representações, pois precisamos conhecer o mundo em que vivemos e, por isso, aprendemos a nos comportar e a resolver problemas comuns. Assim, segundo a autora, “partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo” (JODELET, 2001, p. 17).

As representações sociais nascem no cotidiano, nas interações que estabelecemos na família, no trabalho, na escola, nas relações com a saúde ou onde

quer que exista uma realidade a ser apropriada e partilhada. Nesta perspectiva, Jodelet (2001) aborda que as representações sociais são fenômenos cognitivos que envolvem interações afetivas e normativas, interiorizando experiências, práticas ou comportamentos, muitas vezes transmitidos por meio da comunicação, e completa que

A representação social tem como seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e expressão do sujeito. [...] Mas a peculiaridade do estudo das representações sociais é o fato de integrar na análise desses processos a pertença e a participação sociais ou culturais do sujeito (JODELET, 2001, p. 27).

Ainda sobre o objeto, segundo Pesavento (1995), no domínio das representações as coisas ditas e pensadas têm outro sentido além do manifesto. Já para Vergara Quintero (2008), as representações sociais dizem respeito ao conhecimento social, englobando processos como memória, percepção, obtenção de informação e dissonância. A autora ainda reforça que estas representações são como guias de ações que permitem interpretar os acontecimentos.

Vergara Quintero (2008) também enxerga nesta análise duas perspectivas: o centro e a periferia. No centro existiriam nós centrais estabelecidos culturalmente, são estáveis e garantem continuidade. Já nas periferias se encontram as contraculturas, de onde se pode extrair diversas outras representações que não as dominantes pelo centro. É na periferia que é posta em destaque a história individual de cada um e suas experiências particulares.

Já Morigi (2004) traz uma abordagem histórica sobre as concepções de representação social pautada na influência da mídia, explorando a reflexão sobre as noções de representações sociais que partem da Sociologia de Durkheim, e seguem pela via da Psicologia Social, desenvolvida por Moscovici. Morigi (2004) aponta a aplicabilidade dos conceitos de representação nestes processos e traz ainda que os meios de comunicação de massa são figuras fundamentais na construção das representações sociais.

Nos estudos das representações sociais nos meios de comunicação geralmente se inclui a análise de conteúdo das coberturas que a mídia

---

realiza a respeito dos temas que trata, pois as representações sociais se encontram tanto nas mentes das pessoas quanto nos meios (MORIGI, 2004, p.5).

É a partir disso que abordamos, neste artigo, por meio de uma análise de conteúdo, a relação entre a mídia local e a representação do mineiro. Para isso, torna-se pertinente realizar um percurso teórico abordando a formação das identidades e o “ser mineiro”.

### **Identidade cultural e identidade mineira**

Graças às transformações na sociedade pós-moderna, várias e diferentes identidades culturais são estabelecidas (MORIGI, 2004). Para Woodward, “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, que, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (WOODWARD, 2000, p. 20). A identidade é responsável pelo sentimento de pertencimento do indivíduo a grupos e comunidades por meio de ideais, discursos, rituais ou práticas comuns.

Observamos que a cultura molda a identidade, partindo da ideia da possibilidade de escolha de uma entre diversas identidades disponíveis. Já a ideia de representação inclui as práticas de significação e os processos simbólicos, através dos quais somos considerados sujeitos. Dessa maneira, se, por um lado, a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global afasta a identidade das comunidades e da cultura local, por outro, há a possibilidade de fortalecer e reforçar algumas identidades locais e nacionais, levando ao surgimento de novas identidades (WOODWARD, 2000).

No atual contexto histórico, autores diversos têm apontado para a crise das identidades que tradicionalmente davam suporte à noção de pertencimento do sujeito frente ao mundo social (gênero, classe, nacionalidade). Hoje, conceitos como deslocamento, diáspora, desterritorialização, nomadismo, hibridismo, entre muitos outros, tentam dar conta da instabilidade, complexidade e das inúmeras rupturas que se instauraram no meio social. Neste sentido, a comunicação parece ser um locus privilegiado para a compreensão de como novos fatores, em especial aqueles ligados à imprensa, ao entretenimento e às telecomunicações, têm atuado na fragmentação das “velhas” identidades e na construção de “novas”, se é que elas são construídas (COUTINHO; MUSSE, 2010, p. 2).

Analisando o novo cenário sociocultural, resultado do processo de uma economia e cultura globalizadas, Canclini (1999) chama a atenção para a redefinição do senso de pertencimento e identidade, “organizado cada vez menos por lealdades locais ou nacionais e mais pela participação em comunidades transnacionais ou desterritorializadas de consumidores”(1999,p.52). No entanto, também salienta que as identidades locais não desaparecem, sendo reconfiguradas e adaptadas ao mercado global, onde há possibilidade de se destacar entre as culturas globalizadas como uma forma de resistência. Assim, ocorre, de acordo com o autor, uma reterritorialização da cultura, mediada muitas vezes pelos próprios meios de comunicação de massa que, em locais marcadamente apegados às tradições históricas, constroem sua própria identidade.

É o caso da identidade atribuída àquele que nasce em Minas Gerais. A identidade do mineiro é marcada por uma significativa carga simbólica, uma vez que, segundo França (1998), há uma aura em torno do próprio nome do estado, que acaba por englobar as montanhas, os casos mineiros, a história ou mesmo o comportamento normal do mineiro associado à tradição. Assim, constitui o que a autora chama de “alma mineira” (p.69) e uma noção de “mineiridade” que encontra no jeito e na atitude dos mineiros, sua forma de expressão. Arantes; Musse (2012) completam tal ideia pensando a mineiridade como parte de um simbolismo que unifica a cultura do estado.

A mineiridade é, portanto, uma construção simbólica criada com o objetivo de unificar as várias Minas em uma só, embora o conceito sirva aos ideais definidores de uma possível identidade mineira, não consegue dar conta da totalidade e da diversidade do estado. Consequentemente, alguns mineiros sentem-se representados e se identificam com os valores da mineiridade, enquanto outros não se reconhecem (ARANTES; MUSSE, 2012, p.7).

Temos então que mineiridade não é um conjunto de características fechadas e definidas dos mineiros, mas sim “um sentimento e uma dinâmica simbólica compartilhados por pessoas de características variadas” (FRANÇA, 1998, p.99). Trata-se, segundo França, de uma noção polêmica devido à diversidade de culturas possíveis de serem encontradas dentro do próprio estado. A autora completa ainda que a representação do mineiro está muito ligada a saudosismo,

misticismo e onirismos, reforçadas muitas vezes por sua paisagem rica em montanhas e cenários intocados.

De acordo com Moraes (2004), é perceptível a identificação do ser mineiro, já que se trata de uma comunidade simbólica. Retomando Stuart Hall, a autora afirma que tal condição garante legitimidade, uma vez que na análise deste autor, para se chegar a uma identidade coletiva, é preciso levar em conta a história, a cultura, a mídia, a tradição e as diferenças entre passado e presente.

Então o que é ser mineiro? Para Pernisa (2011), o imaginário social sobre as características do mineiro “permeia a ideia das Minas da região central, onde a mineração prevaleceu e cunhou o estado com ouro e expansão” (PERNISA, 2011, p.53). Assim, mesmo com a decadência da atividade ainda existe uma necessidade de retomar o passado glorioso, intencionando reforçar as potencialidades da região.

Tímido, “boa gente”, prestativo, desconfiado e muitos outros adjetivos relacionados ao sujeito bucólico são utilizados para caracterizar uma identidade mineira. Entretanto, como também aponta Pernisa (2011), pensar um termo que dê conta dessa diversidade (a mineiridade) representa um desafio; tanto pela variedade cultural do estado, também destacado por França (1998), quanto pela exaltação de apenas alguns momentos de sua história. Pernisa (2011) também destaca que a responsável pela criação da identidade mineira é a mídia, que opta por representar o estado reforçando o estereótipo de lugar tranquilo, rural e apegado à religiosidade, muitas vezes movida por interesses de políticos que anseiam por unificar as diversas culturas em uma só. Conforme o autor,

Na tentativa de se firmar uma identidade mineira para que o estado voltasse a competir política e economicamente dentre os estados brasileiros mais fortes, criou-se o mito da mineiridade, reforçado pelas narrativas literárias e jornalísticas (PERNISA, 2011, p. 59).

Contudo, é possível perceber que a representação da identidade mineira está atrelada a uma experiência rural, marcada por clima pacífico e afetuoso, riqueza cultural e forte apego à natureza. Para compreender de que forma esta experiência é constituída, é possível buscar em Jonh Dewey (1980) a noção de como esta se constitui. Dewey (1980) explica que há padrões comuns a várias

experiências, já que todas são resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do contexto em que está inserida. Partindo das ideias do autor, é possível observar que as experiências são reais e muitas vezes residem em coisas insignificantes e banais, como o ato de cozinhar ou de cuidar da natureza, quando tratamos da representação de Minas. É também por meio do fluxo das ideias, que vai de um ponto a outro, que tomamos a experiência como algo que passou e que, ao mesmo tempo, evita-se que se perca. Um exemplo é a relação com a história do estado, que é apontada como a principal constituidora da “mineiridade”.

## Metodologia

O objeto desta pesquisa é o programa Terra de Minas. Apresentado pela jornalista Juliana Perdigão, aos sábados, a produção leva ao público as histórias, as tradições e as personagens de Minas Gerais. A jornalista viaja pelo estado para mostrar o patrimônio histórico e cultural mineiro com reportagens especiais, entrevistas, passeios e dicas de receitas tradicionais. O programa foi exibido pela primeira vez em 21 de outubro de 2001. Em 2010, o Terra de Minas ganhou novos grafismos e nova trilha sonora, a música Seio de Minas, assinada pela cantora mineira Paula Fernandes [2].

Para identificar a forma que se dá a construção da representação da identidade mineira no programa, muitas vezes associada a uma identidade rural marcada pela forte tradição e regionalismos, será utilizada neste estudo a análise de conteúdo, baseada na ideia de paisagens textuais, em cinco edições do programa exibidas no mês de outubro de 2015.

Para este artigo, utilizaremos uma vertente da análise de conteúdo abordando a relação entre texto e ambiente apresentados no programa baseada no conceito de paisagens textuais abordado por Vianna e Vaz *et al.* (2015). Segundo os autores “paisagem significa a porção de uma área cujos sentidos da percepção de quem a observa consegue ver, escutar e sentir e alcançar de um determinado ponto de vista” (p. 2). O conceito é abordado também por Carl Sauer (1998 *apud* VIANNA; VAZ *et al.* 2015) que aponta paisagem como “associação distinta de forma, ao mesmo tempo físicas e culturais”. Ainda,

A paisagem possui uma unidade e faz parte de um contexto mais amplo. No caso da paisagem textual, os textos formam unidades, que se articulam para constituir sentido(s). Deste modo, a unidade do texto constituiria um relevo, que constituinte de uma paisagem, forma uma paisagem maior, uma espécie de superfície contextual que acolhe e abarca os relevos na constituição dos sentidos a serem explorados pelos leitores/ouvintes (VIANNA; VAZ *et al.* 2015 p.5).

Assim, os textos formam unidades, que se articulam para constituir sentido(s). Segundo Vianna e Vaz *et al.* (2015, p.5), “o leitor/ouvinte integra a paisagem com a sua presença, ainda que silenciosamente, e, ao mesmo tempo, mobiliza sua consciência, experiência, estética e moral ao observá-la”.

### **Análise de Dados**

#### **Mídia e mineiridade: o caso do programa Terra de Minas**

Com intuito de identificar na mídia a representação da identidade mineira, conforme explicado, será analisado o programa Terra de Minas. O recorte utilizado foi de 31 dias contabilizados no mês de outubro de 2015, totalizando 5 edições do programa. O programa tem duração média 25 minutos, que são divididos em 3 blocos de aproximadamente 8 minutos cada. Esses blocos variam conforme a densidade de material produzido e relevância do assunto. De uma forma geral, percebemos que as reportagens, apesar de variadas, giram em torno de eixos temáticos específicos como: monumentos históricos, paisagens naturais, culinária e personalidades históricas.

Após o levantamento dos dados, optou-se por responder à seguinte questão: em que medida a representação da identidade mineira está associada a uma experiência rural? A partir da coleta da amostragem, foi aplicada a metodologia de análise de conteúdo partindo da perspectiva de paisagens textuais que, segundo Abril (2012), é a junção de cenário e texto confluindo num único significado. Neste sentido, foi possível perceber que o programa é muito rico, tanto em texto, quanto em cenários que são passíveis de serem analisados em conjunto. Desse modo, a análise ficou dividida da seguinte maneira: Representação da Natureza; Patrimônio Histórico; Culinária Mineira e o Tipo Mineiro (personagens que representam o mineiro típico).



## Os programas

O programa que foi ao ar no dia 03 de outubro foi ambientado na Serra do Curral, onde a apresentadora ressaltou a natureza e as flores presentes e fez referência à primavera. A primeira reportagem do dia foi sobre Inhotim, que fica localizado na cidade de Brumadinho. O foco foi a presença da arte contemporânea em meio às mais variadas espécies de flores, ressaltando que o museu já é considerado um jardim botânico e destacando também a relação de afeto com as plantas. A segunda reportagem foi sobre a própria Serra do Curral, lembrando a todos da proximidade com a capital mineira. O principal tema desta reportagem é a diversidade da vegetação local destacando a relação entre a natureza e a cidade. Na última reportagem, o tema foi a Serra do Cipó, com seus rios, flores e vegetação nativa.

Já o programa do dia 10 de outubro teve como tema principal a comemoração dos 45 anos da Fundação Clóvis Salgado. Assim, todas as três reportagens trouxeram a importância histórico-cultural do Grande teatro do Palácio das Artes, localizado no centro da capital mineira, e gerenciado por tal Fundação, e a sua grandiosidade. Há também destaque para o trabalho de formação artística de vários jovens.

A edição do dia 17 de outubro trouxe temáticas diversas. O primeiro bloco contou um pouco da história do prédio do Centro de Referência da Moda, que chama atenção por sua construção que destoa das demais de Belo Horizonte, devido ao estilo gótico e à semelhança com uma igreja. Já no segundo bloco, foi exibido o quadro Terra e Mesa, em que um chef mostrou uma nova forma de preparar o tradicional frango com quiabo. Por fim, em comemoração ao aniversário de 14 anos do programa, o terceiro bloco tratou da visita a um Vaqueiro (Criollo) que acompanhou o escritor Guimarães Rosa na sua viagem por Minas, que resultou no livro *Grande Sertão: Veredas*.

O programa do dia 24 de outubro se inicia na Serra da Mantiqueira, especificamente na cidade de Passa Quatro, que é cercada de montanhas e picos e é também conhecida por sua tranquilidade. A primeira reportagem desta edição mostra um museu histórico que retrata, por meio de maquetes, vários momen-

tos da história de Minas e do Brasil. Já a segunda reportagem fala da criação de trutas naquela região e mostra, também, como prepará-las. Por fim, na terceira reportagem, as araucárias foram destaque, uma vez que são dominantes naquela região.

Por fim, o programa do dia 31 de outubro foi ambientado na cidade de Congonhas, mundialmente conhecida pelo Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, onde existem diversas esculturas dos profetas bíblicos, obra de Aleijadinho. O primeiro bloco trata do aniversário de 65 anos do Teatro Francisco Nunes, localizado no Parque Municipal, em Belo Horizonte, destacando várias histórias contadas por quem conhece bem o teatro. O segundo bloco trouxe uma receita típica da região da Serra do Cipó, a costelinha com ora-pro-nobris. Já o terceiro, contou a história do médium José de Arigó, nativo da cidade de Congonhas, que ficou também conhecido mundialmente pelas suas cirurgias espirituais.

### **Sobre “as minas de ouro e montanhas gerais”: uma abordagem geral**

A seguir, a letra da música *Seio de Minas*, de Paula Fernandes [3].

Eu nasci no celeiro da arte/ No berço mineiro/Sou do campo, da serra/  
Onde impera o minério de ferro. / Eu carrego comigo no sangue/ Um  
dom verdadeiro/ De cantar melodias de Minas/ No Brasil inteiro./ Sou  
das Minas de ouro/ Das montanhas Gerais / Eu sou filha dos montes/  
Das estradas reais/ Meu caminho primeiro/ Vi brotar dessa fonte/ Sou  
do seio de Minas/ Nesse estado, um diamante.

Composta pela cantora mineira Paula Fernandes, a música de abertura está no programa desde 2010. Conforme é possível identificar, a música em si é uma representação de Minas Gerais, visto que as representações são, de acordo com Jodelet (2001), as relações entre a simbolização como, por exemplo, os elementos que compõem a história e a paisagem de Minas, e a interpretação que é feita ao vermos esses elementos num mesmo produto.

A canção traz diversos elementos marcantes do estado de Minas Gerais, que o caracterizam e contribuem para a criação de representações sobre a mineiridade. A artista faz alusão também a diversos cenários que são próximos

aos mineiros, como a arte, por exemplo, da vasta obra de Aleijadinho, o minério de ferro, que é abundante em algumas regiões, e as Estradas Reais que são conhecidas atrações turísticas do estado e que, no passado serviram de ligação entre o interior e a capital do Império. As abundantes montanhas e os diamantes citados também contribuem para uma identificação do ser mineiro.

No Terra de Minas é possível enxergar a relação de paisagens textuais, proposta por Viana; Vaz (2015), segundo o qual o dispositivo (neste caso o programa de televisão) prepara o sentido do texto e a dimensão de um acontecimento. Assim, o Terra de Minas aparece como o que os autores chamam de “paisagem textual básica” em que o sentido será constituído pelo olhar do telespectador. Neste raciocínio, Abril (2007) defende que este sentido de qualquer texto remete a práticas sócio-discursivas e a um universo simbólico do público, ou seja, o programa representará a mineiridade, baseada numa preconcepção dos telespectadores e no conjunto de representações identitárias construídas coletivamente ao longo da história (JODELET, 2001). A partir de tais considerações, a identificação da mineiridade, presente no programa, é expressa nas quatro categorias definidas, abordadas nos próximos tópicos.

### **Representação das paisagens mineiras**

De acordo com o que foi possível perceber nos programas, a representação da natureza como característica primordial de Minas Gerais foi fortemente evidenciada.

Tal fato vem confirmar a abordagem de França (1998), segundo a qual a atenção nostálgica do mineiro está frequentemente associada à geografia acidentada do estado. Segundo a autora, esta geografia compensa a falta que o mineiro sente do mar, fazendo com que as serras, montanhas e montes sejam reverenciadas em Minas.

Essa representação do mineiro como o sujeito da natureza fica ainda mais evidente nas diversas reportagens exibidas sobre as várias serras mineiras. Na edição de 03 de outubro, por exemplo, a reportagem sobre a Serra do Curral revela como a própria capital, que seria o centro econômico e político do estado,

está amplamente ligada à natureza. Destaque nesta edição também para a frase da repórter exaltando a simplicidade da natureza, reforçando a ideia do mineiro como humilde, pois “a Serra do curral revela belezas impactantes, mas ao mesmo tempo, bem singelas, que encantam” (TERRA DE MINAS).

Outra reportagem reforçando a ideia de natureza ideal foi a exibida no dia 24 de outubro, na Serra da Mantiqueira. Nela, o enfoque recaiu sobre as araucárias que são dominantes na região e, ainda, como é feito o trabalho de preservação, utilizando-se, para isso, o depoimento do chefe da floresta nacional. Vale ressaltar que durante a exibição a trilha sonora ficou a cargo do som de pássaros e cigarras, acordes de viola, que remetem diretamente ao meio rural.

Assim, percebe-se que as imagens de paisagens naturais e intocadas estão no imaginário dos mineiros da capital e dos centros urbanos, pois, conforme nos trouxe Pesavento (1995), “o imaginário é sempre referência a um outro ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente” (PESAVENTO, 1995, p. 15). Neste sentido, o programa contribui para criação de uma representação que é comungada por mineiros de centros urbanos e por não mineiros, desta íntima relação com a natureza, da qual não fazem parte ou anseiam por ela.

Valendo-se dos conceitos de Abril (2012) sobre a junção de paisagens e textos, o retrato da natureza aliado ao tom sereno da repórter, que traz na fala elementos da simplicidade mineira, bem como trilhas sonoras que remetem à calmaria da natureza, constrói-se um ambiente bucólico e rural, desejado por muitos. Assim, esta ampla ligação com o natural e o rural é um elemento fundamental na constituição da identidade do mineiro já que, segundo Froehlich (2002), o mundo rural como um suporte para a construção de identidades coletivas que tem referência em territórios delimitados, se dá por meio de entrelaçamentos entre os mundos físico e simbólico.

## **A representação sobre a história de Minas Gerais**

Na contramão de uma identidade padrão globalizada, existem as tentativas de enxergar e valorizar, como forma de resistência, as identidades locais. Assim,

como a identidade é responsável pelo sentimento de pertencimento do indivíduo a grupos e comunidades por meio de ideais, discursos, rituais ou práticas comuns, re-visitando o passado de uma população é uma forma de reforçar esse sentimento.

Froehlich (2002) vê a reavistação do passado e da tradição como um processo de agregação de valor e combinação de novos traços identitários a partir de uma reconfiguração, baseada no que é antigo, de novos costumes, hábitos e sociabilidades. O resgate histórico é, para França (1998), uma forma de buscar, num período tido como “épico e mítico”, elementos da mineiridade trabalhada pelos meios de comunicação. Pernisa (2011) concorda com França (1998) que a mineiridade está de fato ligada ao passado histórico.

Este resgate histórico pode ser observado no programa de 31 de outubro. Apesar de não ser tema de nenhuma das reportagens do dia, a cidade de Congonhas foi exibida, destacando-se as obras de Aleijadinho, importante nome da cultura Barroca no século XIX. Além desta edição, tratando de um passado um pouco mais recente, três prédios históricos tiveram suas histórias contadas e exploradas: a sede da Fundação Clovis Salgado (devido ao seu aniversário de 45 anos, a edição deste dia foi inteiramente dedicada a contar sua trajetória); o Centro de Referência da Moda (construção do século XIX) e o Teatro Francisco Nunes (que também estava fazendo aniversário). Além destes, um museu na cidade de Passa Quatro foi exibido, enquanto a repórter, ao lado do entrevistado, relembra a participação de Minas Gerais nos grandes acontecimentos do Brasil.

A partir da observação deste aspecto no programa, percebemos que, conforme já havia sido apontado por Pernisa (2011), há a necessidade de se lembrar do passado glorioso de Minas para reforçar as potencialidades da região. Segundo a autora “Viver do passado, das origens, está no imaginário, mesmo agora na atualidade com tanta diversidade econômica, política e cultural do estado” (PERNISA, 2011, p. 52).

### **Representação e reterritorialização através da comida**

Com a tentativa de fortalecimento das identidades locais e a reterritorialização propostas por Canclini (1999), foi possível observar um movimento de

reinvenção de diversos aspectos culturais como, por exemplo, a culinária típica de um determinado lugar. A culinária mineira é frequentemente associada a objetos portadores de significados que, juntos, constroem uma ideia de experiência rural.

Assim, no Terra de Minas há a tentativa de aproximação do campo e da vida bucólica através da construção de representações que, neste caso, refere-se à maneira como o sujeito (mineiro) se reporta ao objeto (comida), sendo, portanto, a marcada sua atividade. Os meios de comunicação, neste caso, aparecem como alternativas de representação e de possibilidades sociais (JODELET, 2001).

Uma das formas de construção da ideia de culinária como elemento fundante da identidade mineira é a criação do quadro Terra e Mesa. O quadro estreou no dia 29 de agosto e, a cada reportagem, um chef de cozinha fala sobre um ingrediente mineiro ou um prato tradicional da cozinha mineira utilizando esse sabor em um novo prato, reformulado com um toque de sofisticação.

Durante o recorte analisado houve duas reformulações de pratos típicos: um deles no dia 17 de outubro, em que um chef utiliza o frango com quiabo em uma nova combinação que resultando em um prato diferente e sofisticado sem se afastar do tradicional; e o outro, mostrado na edição do dia 31 de outubro, que apresentou uma nova forma de preparar a costelinha de porco com o ora-pro-nobis Orai por nós, planta mineira que também é chamada de lobrobrô). Além do quadro, outras aparições de elementos da culinária foram registrados, como na edição do dia 24 de outubro, onde foi apresentado uma maneira de preparar a truta, que é abundante na Serra da Mantiqueira, no sul do estado.

É interessante destacar que, assim como Moraes (2004) constatou, sempre que há a aparição da culinária mineira no programa, ela está associada aos objetos significantes, como a roça, paisagem, utensílios com acabamento esmaltados, fogão a lenha, além da trilha sonora, composta muitas vezes por viola e sanfona, que contribuem ainda mais para uma representação de mineiro como ruralizado.

Há nesta situação o que Moraes (2004) identificou como “ambiguidade da mineiridade”, uma vez que a cultura representada é fluida. Assim, a autora destaca que, ao mesmo tempo que a mídia mostra um prato regionalizado e

tradicional de determinada região, muitas vezes, a própria presença de um chef de cozinha ou de restaurantes “gourmetizados”, que constroem ambientes com padrões internacionais, é um paradoxo.

### **De qual mineiro falamos?**

Tiradentes, Carlos Drummond de Andrade, Artur Bernardes, Guimarães Rosa, Chica da Silva, Seu José, Dona Maria... Quem é o mineiro que aparece na mídia e que dá conta de resumir toda a mineiridade?

Retomando a canção de abertura do programa Terra de Minas, *Seio de Minas*, já é possível fazer algumas inferências sobre o tipo ao qual o programa se reporta, como, por exemplo: “Eu carrego comigo no sangue um dom verdadeiro”, em que se pode deduzir que o mineiro é dotado de dons que lhe são singulares. Há também na música menção à relação do mineiro com a paisagem, como explorado anteriormente, quando a cantora exprime: “sou filha dos montes”.

As características, peculiaridades e os trejeitos dos mineiros já foram exaltados por diversos escritores ao longo da história. No entanto, França (1998) destaca três qualidades que são as mais exploradas na constituição da identidade do mineiro: a astúcia, a reserva (prudência e desconfiança) e a sobriedade. França (1998) ainda completa que, para além dessas qualidades, são adicionadas: a forte religiosidade aliada a uma dose de misticismo e gosto por rituais.

Na edição do dia 17 de outubro, por exemplo, o programa exibiu uma reportagem contando a história do vaqueiro que acompanhou Guimarães Rosa em uma comitiva que levava gado por Minas Gerais, e que inspirou o escritor no livro *Grande Sertão: Veredas*. A reportagem é a lembrança de uma série especial do Terra de Minas, exibida em 2006, na ocasião dos 50 anos do livro e que, agora, integrou as comemorações de 14 anos do programa. O personagem desta história é o Francisco, conhecido como crioulo, que conta como foi a experiência que aconteceu quando ele tinha 17 anos. Francisco, hoje com 80 anos, ainda cavalga e traja camisa xadrez, bota de montar, lenço no pescoço e chapéu. Durante a reportagem, o cenário rural é amplamente explorado sob as formas do curral, paisagens, estradas de chão, cerca de arame farpado, boiada,

o que vem mais uma vez confirmar que o mineiro possui larga ligação com a ruralidade.

Outro personagem cuja história foi contada pelo programa foi a do médium Zé Arigó, que viveu na cidade de Congonhas. O médium ficou conhecido mundialmente pelas cirurgias espirituais que, segundo consta, reencarnava o espírito de um famoso médico Alemão. Com ajuda de seu filho, o programa contou várias fases de sua vida, muitas delas ambientadas no cenário histórico da cidade. Nesta reportagem ficou nítida também a sua representação como sujeito simples, principalmente se levarmos em conta a trilha sonora instrumental de superação e pelos depoimentos.

É possível observar com as reportagens que, de uma maneira geral, o mineiro, quando personagem, é retratado como dotado de simplicidade inerente e apego ao estado. Mesmo quando a fonte entrevistada na reportagem, o sujeito de Minas é explorado naquilo que transmite um carga emocional ao público e faz gerar identificação.

### **Considerações finais**

A partir da análise realizada foi possível identificar que os meios de comunicação são importantes instrumentos de construções de representações sociais. Isso porque, como visto, as representações podem ser construídas ao longo do tempo e se modificarem de acordo com os padrões vigentes em cada época.

O programa Terra de Minas se mostrou um veículo com grande potencialidade em relação às representações da identidade mineira, uma vez que traz em si diversos elementos que já foram apontados por estudiosos como constituintes desta identidade. Em uma breve retomada, esses elementos (a natureza, a história, a culinária e o personagem mineiro) apontam para uma tendência de revalorização da cultura local, em detrimento de uma cultura globalizada.

Foi possível perceber também que a confluência desses elementos demonstra que há uma revalorização, seja no sentido de criar uma identidade baseada em experiências rurais, que têm origem na própria história do estado, seja para exaltação do mineiro em relação aos nativos de outros estados do Brasil.



Assim, os símbolos e os objetos mostrados criam uma aura em torno do mineiro como aquele que vive de maneira simples, ao lado da natureza e que, por isso, sua vida é mais plena.

Contudo, percebe-se que, atualmente, têm aparecido diversos estudos que mostram essa tendência de valorização do local como resistência à desterritorialização cultural. Por isso, é importante observar qual a intencionalidade da mídia ao criar estratégias que ajudem a construir tais representações. Assim, esse breve estudo serviu para mostrar que há a necessidade de investigação de uma maneira mais profunda da relação entre a identidade daquele que é mineiro com uma identidade marcada por experiências rurais a partir de uma perspectiva midiática. De uma forma geral, cabe investigar, em trabalhos futuros, em que medida o Terra de Minas atua na criação de uma representação cultural de Minas pautada naquilo que os próprios mineiros consideram como marcas de sua identidade.

## Notas

[1] Dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, realizada anualmente pelo IBGE, relativas à TIC (Telefones Fixos e Celulares, Microcomputadores, Internet, Rádio e Televisão).

[2] Disponível em: <[www.redeglobo.globo.com/globominas/terrademinas/](http://www.redeglobo.globo.com/globominas/terrademinas/)>. Acesso em: 3 ago. 2018.

[3] Disponível em: <[www.letras.mus.br/paula-fernandes/1603654/](http://www.letras.mus.br/paula-fernandes/1603654/)>. Acesso em: 3 ago. 2018.

## Referências

ABRIL, Gonzalo. *Análisis crítico de textos visuales*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

\_\_\_\_\_. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. *IC – Revista de Información y Comunicación*, v.9, p.15-35, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2K-QpzPK>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

ARANTES, Haydêe Sant’Ana. MUSSE, Christina Ferraz Musse. A construção da identidade mineira: uma análise da cobertura do aniversário de Belo Horizonte através do jornal Estado de Minas. In: *XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2Kld7ah>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. MUSSE, Christina. Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. *Revista ALTERJOR- Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo*, v.1, n.1, p.1-16, 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88191>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

FRANÇA, Vera Veiga. *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.

FROEHLICH, J. M.. A (re) construção de identidades e tradições: o rural como tema e cenário. In: VI Congresso de La Asociación Latinoamericana de Sociología Rural (ALASRU), 2003. Disponível em: < <https://bit.ly/2ADtvmW>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.

MORAIS, Luciana Patrícia de. *Culinária típica e identidade regional: a expressão dos processos de construção, reprodução e reinvenção da mineiridade em livros e restaurantes de comida mineira*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História. UFMG. Juiz de Fora, junho de 2004.

PEREIRA, Mariana Fernandes. Músicas da propaganda institucional/2011 da Rede Globo Minas: revisitando memórias de Minas Gerais. *Entremeios: revista de estudos do discurso*, n.5, p.1-8, 2012. Disponível em: < <http://www.entremeios.inf.br/published/76.pdf>>. Acesso em: 3 ago.2018.

PERNISA, Mila Barbosa. *A construção simbólica da identidade mineira no telejornal da Rede Minas*. Dissertação. Programa de Pós Graduação em comunicação da UFJF. Mestrado em Comunicação. Juiz de Fora, agosto de 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Contexto/ANPUH, v. 15, n. 29, p.9-27 , 1995. Disponível em: < [https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3770](https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3770)>. Acesso em: 3 ago. 2018.

VERGARA QUINTERO, María del Carmen. La naturaleza de las representaciones sociales. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Manizales Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud CINDE, Universidad de Manizales, v. 6, n. 1. p. 55-80, 2008. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/773/77360103.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

VIANNA, Graziela Mello; VAZ, Paulo Bernardo; SANTOS, Humberto. Sobre texto visual, som e imagem: novas paragens para as paisagens textuais. In: *COMPÓS, Anas...* Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-99e>

[14b33-2e1d-4278-8921-86937109f4a8\\_2896.pdf](#). Acesso em: Acesso em: 3 ago. 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.